



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**ITHANA NOGUEIRA ROSÁRIO**

**O USO VARIÁVEL DO “TE” E DO “LHE” NO PORTUGUÊS FALADO EM  
SEABRA-BA**

Santo Antônio de Jesus-BA  
2024

**ITHANA NOGUEIRA ROSÁRIO**

**O USO VARIÁVEL DO “TE” E DO “LHE” NO PORTUGUÊS FALADO EM  
SEABRA-BA**

Artigo apresentado à Banca Examinadora  
como um dos instrumentos avaliativos do  
Trabalho de Conclusão de Curso em  
Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa  
e Literaturas da Universidade do Estado da  
Bahia, *Campus V*.

Orientador: Prof. Me. Manoel Crispiniano  
Alves da Silva



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**ITHANA NOGUEIRA ROSÁRIO**

### **O USO VARIÁVEL DO “TE” E DO “LHE” NO PORTUGUÊS FALADO EM SEABRA-BA**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado pela seguinte Banca Examinadora no dia 17 de dezembro de 2024

Documento assinado digitalmente



**MANOEL CRISPINIANO ALVES DA SILVA**

Data: 07/01/2025 22:53:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Professor Mestre Manoel Crispiniano Alves da Silva (UNEB- Campus V)

Documento assinado digitalmente



**GILCE DE SOUZA ALMEIDA**

Data: 10/01/2025 00:32:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Parecerista: Professora Doutora Gilce de Souza Almeida (UNEB- Campus V)

Parecerista: Professora Mestre Tassila Ferreira Vale Guimarães (UNEB- Campus V)

Santo Antônio de Jesus-BA

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Rua Tenente Coronel Bandeira de Melo, s/n°, Calabar - Santo Antônio de Jesus/ Bahia - CEP: 44.444-032

(71) 99717-5984WhatsApp (75) 3162-4700

[campus5@uneb.br](mailto:campus5@uneb.br)

## O USO VARIÁVEL DO “TE” E DO “LHE” NO PORTUGUÊS FALADO EM SEABRA-BA

Ithana Nogueira Rosário<sup>1</sup>

**RESUMO:** Com este trabalho, busca-se investigar o uso variável dos clíticos pronominais “te” e “lhe” no português falado em Seabra-BA. Para desenvolver essa investigação, utilizou-se um *corpus* de língua falada, pertencente ao projeto “Seabra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos”, o qual possui um conjunto de 18 entrevistas sociolinguísticas gravadas em situações de interação espontânea. O objetivo principal foi analisar como a escolha entre essas duas formas pronominais é influenciada por fatores linguísticos e sociais, como a função sintática do pronome, o contexto de formalidade, a idade, o sexo e a escolaridade. No entanto, não foi possível realizar um estudo sociolinguístico clássico devido ao baixo número de ocorrências. No *corpus*, foram encontradas 44 ocorrências, sendo 40 do “te” e 4 do “lhe”. Diante das limitações impostas pela quantidade reduzida de dados, a análise qualitativa das ocorrências não permite tirar conclusões definitivas, mas sugere uma predominância do uso de “te”, especialmente em contextos informais e uma maior frequência do “lhe” em contextos formais. A análise do perfil social dos participantes sugere uma leve tendência de uso do “lhe” por falantes com maior nível de escolaridade. A alternância observada reflete uma tendência comum no português brasileiro (PB), com semelhanças ao que foi encontrado em outras regiões da Bahia, como Salvador e Feira de Santana. O trabalho contribui para a compreensão da variação linguística na Chapada Diamantina, uma região pouco explorada sob a ótica Sociolinguística, e destaca a necessidade de investigações futuras com um *corpus* ampliado que permita uma análise mais robusta dos fatores sociais e linguísticos que influenciam a escolha entre os pronomes “te” e “lhe”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Português falado em Seabra.

**ABSTRACT:** This study aims to investigate the variable use of the pronominal clitics “te” and “lhe” in Portuguese spoken in Seabra-BA. To develop this investigation, a corpus of spoken language was used, belonging to the project “Seabra à Chapada: colendo, explorando e mapeando dados sociolinguísticos” (Open to Chapada: collecting, exploring and mapping sociolinguistic data), which has a set of 18 sociolinguistic interviews recorded in situations of spontaneous interaction. The main objective was to analyze how the choice between these two pronominal forms is influenced by linguistic and social factors, such as the syntactic function of the pronoun, context of formality, age, sex and education. However, it was not possible to carry out a classical sociolinguistic study due to the low number of occurrences. In the corpus, 44 occurrences were found, 40 of “te” and 4 of “lhe”. Despite the limitations imposed by the small amount of data, the qualitative analysis of the occurrences does not allow definitive conclusions to be drawn, but it showed a predominance of the use of “te”, especially in informal contexts,

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)- Campus V.

and a greater frequency of "lhe" in formal contexts. The analysis of the social profile of the participants suggests a slight tendency for the use of "lhe" by speakers with a higher level of education. The observed alternation reflects a common tendency in Brazilian Portuguese (BP), with similarities to what was found in other regions of Bahia, such as Salvador and Feira de Santana. The work contributes to the understanding of linguistic variation in Chapada Diamantina, a region little explored from a sociolinguistic perspective, and highlights the need for future research with an expanded corpus that allows a more robust analysis of the social and linguistic factors that influence the choice between the pronouns "te" and "lhe".

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. Portuguese spoken in Seabra.

## 1 INTRODUÇÃO

No português, de acordo com a norma-padrão, os pronomes átonos "te" e "lhe" são usados para substituir objetos diretos ou indiretos, tornando a comunicação mais fluída e eficiente. O pronome "te" é usado para a segunda pessoa do singular (tu), enquanto "lhe", embora tradicionalmente classificado como pertencente à terceira pessoa do singular (ele, ela), é amplamente empregado para retomar o interlocutor, sobretudo em contextos de uso do pronome de tratamento "você". Esses pronomes são essenciais no diálogo formal ou informal entre os interlocutores e na manutenção da coesão textual. Por exemplo, em "Eu te vi ontem" (onde "te" faz referência a "tu") e "Eu lhe entreguei o livro" (onde "lhe" substitui "a ele/ela/você").

No contexto do Português Brasileiro (doravante PB), o estudo do sistema pronominal tem ganhado destaque nos últimos anos, conforme aponta o trabalho de Cunha e Cintra (2009). Esse interesse é motivado pela significativa reformulação dos pronomes nessa variedade da língua, especialmente pela inclusão de "você" e, posteriormente, de "a gente" no quadro dos pronomes pessoais. Essas mudanças têm desempenhado um papel fundamental nas alterações morfossintáticas observadas no PB, tendo, inclusive, reverberação na alternância do "te" e do "lhe".

Segundo Oliveira (2020), a escolha entre "te" e "lhe" pode parecer simples, mas revela diferenças sutis e regras gramaticais para os falantes, influenciadas por questões como a concordância verbal, o contexto de formalidade e as variações dialetais. Nesse sentido, o pronome "te", assim como o "lhe", é um pronome pessoal átono, isto é, não possui um acento prosódico, o que significa que corresponde a uma das pessoas do caso reto: eu, tu, ele/ela, nós, vós e eles/elas. Especificamente, conforme prescrevem os gramáticos Cunha e Cintra (2009), o "te" se refere à segunda pessoa do singular, "tu", devendo ser empregado quando o verbo é conjugado nessa pessoa.

Por exemplo, na frase "Arrependeste-te?", observa-se o uso segundo a visão normativa, visto que o pronome "te" é utilizado para indicar que a ação do verbo é dirigida à segunda pessoa do singular. Além disso, o "te" pode assumir diferentes acepções, como "a ti", "em ti", "para ti", "de ti" e "a ti mesmo". É importante destacar que o "te" também pode funcionar como pronome possessivo, como em "Arde-te os olhos?", significando "os teus olhos ardem?".

Por outro lado, o pronome "lhe" se refere à terceira pessoa do singular, "ele" ou "ela", e pode significar "dele/dela", "nele/nela", "para ele/para ela", além de também ter

função possessiva (equivale a seu/sua), como se observa a seguir: “Se o meu filho não se comporta, corto-lhe a mesada”. Nesse exemplo, o “lhe” não foi usado com função de objeto indireto, como a seguir “Eu disse-lhe tudo que queria”.

Os estudos de Araújo e Carvalho (2015), baseados em um corpus de 186 cartas pessoais cearenses do século XX, trouxeram contribuições relevantes sobre as variações linguísticas no uso dos clíticos acusativos de 2ª pessoa, com foco nas formas “te” e “lhe”, em cartas pessoais de origem cearense. A análise evidenciou que o clítico “te” apresenta maior frequência de uso em comparação com “lhe”, ocorrendo em 60% dos casos, enquanto “lhe” aparece em 40%. A única variável considerada significativa pela análise do software Goldvarb X foi o tipo semântico do verbo. Os resultados indicaram que verbos relacionados ao ato de falar favorecem o uso de “lhe”, enquanto verbos que expressam sentimentos favorecem o uso de “te”. Além disso, a posição dos clíticos no contexto sintático revelou uma predominância de “te” em construções de próclise e de “lhe” em ênclise. Esses achados demonstram como o contexto semântico e sintático influencia a escolha entre os clíticos, refletindo aspectos particulares da variação linguística cearense.

A análise temporal mostrou um aumento progressivo no uso de “te” ao longo das décadas, enquanto “lhe” apresentou um decréscimo. Esse comportamento variável dos clíticos reflete não apenas mudanças linguísticas, mas também aspectos sociais e de formalidade nas relações entre os interlocutores. Em períodos de maior formalidade, como nas décadas de 40 e 50, “lhe” era mais prevalente, sugerindo um uso mais impessoal e distante.

Historicamente, “te” está associado à segunda pessoa do singular e “lhe” à terceira, mas pesquisas diacrônicas como a de Araújo e Carvalho (2015) sobre o PB mostram que ambos os pronomes podem ser usados como variantes para marcar a segunda pessoa do singular (2SG) como objeto direto em diferentes dialetos.

Oliveira (2020) em um outro estudo exibe dados coletados em dois estados brasileiros (Rio de Janeiro e Ceará) que envolveram a interpretação de enunciados ambíguos, nos quais os participantes tendiam a associar “lhe” à segunda pessoa do singular. Contudo, o trabalho não detalha explicitamente as metodologias de coleta e os contextos exatos desses enunciados ambíguos, o que gera incerteza sobre o processo experimental utilizado. A discrepância entre os dados de *corpora* linguísticos e os resultados experimentais ressaltam a necessidade de mais estudos sobre os aspectos cognitivos e regionais relacionados a essa variação no PB. No que se refere aos aspectos

cognitivos, destacam-se os mecanismos de processamento linguístico envolvidos na seleção e na interpretação dos pronomes, como a ativação da memória de trabalho, a expectativa de estrutura sintática e o grau de familiaridade com determinadas formas em contextos específicos.

Esta pesquisa busca contribuir para a descrição da realidade sociolinguística brasileira, analisando, para tanto, um fenômeno em uma região pouco estudada do ponto de vista linguístico. Nesse sentido, utilizando-se de dados do *corpus* do projeto “Seabra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos”, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *campus* XXIII), sob a coordenação do Professor Dr. Elias de Souza Santos, este trabalho tem como objetivo principal analisar a alternância no uso dos pronomes clíticos "te" e "lhe" com referência à segunda pessoa no português falado na cidade de Seabra, município localizado na região da Chapada Diamantina-BA.

Além disso, a presente investigação tem como objetivos específicos: (i) identificar as variantes “te” e “lhe” na amostra de fala da comunidade estudada; (ii) descrever os fatores linguísticos e sociais na alternância do “te” e do “lhe” com referência tanto dativa como acusativa e (iii) comparar os resultados obtidos com os de outros pesquisadores para verificar as diferenças e as semelhanças.

Nessa perspectiva, busca-se, com o desenvolvimento desta pesquisa, responder às seguintes questões de pesquisa: a) Quais são os fatores linguísticos e sociais que influenciam a alternância entre os pronomes clíticos "te" e "lhe" no português falado em Seabra, Chapada Diamantina-BA? b) Os usos de "te" e "lhe" em Seabra diferem dos usos observados em outras localidades da Bahia, como Salvador e Feira de Santana? c) Qual é o impacto da formalidade do contexto de fala na escolha entre "te" e "lhe" entre os habitantes de Seabra?

Para essas questões, levantam-se as seguintes hipóteses: a alternância entre "te" e "lhe" no português falado em Seabra é influenciada por fatores linguísticos e sociais, como idade, gênero e nível de escolaridade dos falantes; b) O pronome "lhe" é preferido em contextos formais, enquanto "te" é mais comumente usado em contextos informais, refletindo uma tendência observada em outras regiões da Bahia; c) Os falantes mais jovens em Seabra tendem a usar "te" com mais frequência que "lhe", indicando uma possível mudança linguística em curso, similar ao observado em Salvador; d) A escolaridade não exerce um impacto significativo na escolha entre "te" e "lhe", sugerindo

que a variação entre esses pronomes não é estigmatizada na comunidade de fala de Seabra.

## **2 O ESTADO DA ARTE: A VARIAÇÃO TE E LHE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

O estudo do uso dos pronomes clíticos "te" e "lhe" no PB é fundamental para a compreensão das variações linguísticas que ocorrem tanto em contextos formais quanto informais. De acordo com Oliveira (2020), a alternância entre esses pronomes está intrinsecamente ligada à reestruturação do sistema pronominal no português falado no Brasil, especialmente após a disseminação do uso de "você" como tratamento para a segunda pessoa do singular. Isso provocou um processo de variação e mudança linguística que continua a ser observado até os dias atuais.

Oliveira (2020) destaca que, em contextos formais, "lhe" tende a ser utilizado com mais frequência, enquanto "te" aparece em situações de maior informalidade. Essa distinção entre formalidade e informalidade sugere que a preferência pelo uso de "te" ou "lhe" pode ser influenciada pelo grau de intimidade entre os interlocutores e pelo contexto social em que a comunicação ocorre. Além disso, a variação entre os pronomes pode ser marcada por fatores regionais, como constatado pelas pesquisas de Araújo e Carvalho (2015), que estudaram cartas pessoais cearenses e evidenciaram um uso predominante de "te" em 60% dos casos analisados.

O estudo experimental de Oliveira (2020) revela ainda que a interpretação dos pronomes clíticos pode variar conforme o contexto de uso, sugerindo que "te" e "lhe" apresentam nuances semânticas e sintáticas que os falantes podem processar de maneiras diferentes. Do ponto de vista semântico, "te" tende a ser associado a maior afetividade e proximidade entre os interlocutores, enquanto "lhe" costuma ser interpretado como mais formal e distante. Já no aspecto sintático, os dados apontam uma maior aceitação de "te" em contextos de próclise e de "lhe" em ênclise. Araújo e Carvalho (2015) reforçam essa ideia ao mostrar que, ao longo do século XX, o uso de "lhe" em contextos formais foi gradualmente substituído por "te", refletindo uma mudança na percepção de formalidade e proximidade social entre os falantes.

Em uma perspectiva histórica, Martins (2021) sugere que a variação entre esses pronomes é uma consequência natural das mudanças sociais e culturais ocorridas no Brasil, particularmente no Nordeste, onde o sistema de tratamento sofreu transformações

significativas. Menon (1995) aponta que o uso de "te" e "lhe" não se limita a uma questão gramatical, mas envolve também questões pragmáticas e sociolinguísticas, dado que o pronome escolhido pelo falante pode carregar diferentes significados dependendo do contexto de comunicação.

Além disso, Oliveira (2020) traz contribuições importantes ao analisar a mudança linguística e a alternância entre os pronomes "te" e "lhe" como reflexo de um processo contínuo de variação no PB. O autor destaca que, embora o "lhe" tenha sido tradicionalmente associado a uma fala mais culta e formal, o uso de "te" tem se expandido, especialmente em situações informais, refletindo mudanças nas normas de tratamento interpessoal.

Gama (2019) aponta que, em algumas regiões, como o Sul do Brasil, o "te" tem se tornado mais frequente até mesmo em contextos que, normativamente, seria esperado o uso de "lhe". Essa variação ocorre especialmente entre gerações mais jovens, que tendem a preferir à informalidade na escolha dos pronomes, o que pode indicar uma mudança linguística em progresso.

Em contrapartida, conforme apontam Araújo e Carvalho (2015), em áreas do Nordeste, como no Ceará, ainda se observa uma tendência de uso do "lhe" em contextos formais, o que reforça a ideia de que as normas linguísticas podem variar consideravelmente de acordo com a localização geográfica e a cultura local. Essa conclusão é corroborada por Oliveira (2020), o qual observa que, em áreas mais interioranas, o "lhe" ainda é percebido como uma marca de formalidade e respeito, especialmente em interações sociais mais conservadoras.

Outro fator determinante na escolha entre "te" e "lhe" é a posição social dos falantes. Oliveira (2020) enfatiza que, em contextos institucionais, como em correspondências formais ou discursos públicos, o "lhe" mantém sua predominância como um marcador de educação e polidez. Esse uso mais formal contrasta com a informalidade crescente do "te" em conversas cotidianas e na comunicação oral entre amigos e familiares. Araújo e Carvalho (2015) complementam essa visão, destacando que, no século XX, o "te" gradualmente se popularizou em diálogos informais, acompanhando a flexibilização dos padrões de tratamento interpessoal.

Além desses condicionamentos sociais e pragmáticos, a alternância entre esses pronomes também reflete a própria evolução da língua portuguesa. Oliveira (2020) ressalta que o sistema pronominal no PB sofreu profundas modificações ao longo do tempo, especialmente após a introdução do pronome "você", que substituiu o "tu" em

muitos contextos. Essa transição impactou diretamente o uso de "te", que deveria ser o pronome de objeto direto associado ao "tu". Contudo, com a incorporação de "você" como o tratamento preferido, a língua passou a adotar também o "lhe" como variante aceitável, mesmo para a segunda pessoa do singular.

Por outro lado, estudos mais recentes, como o de Araújo e Carvalho (2015), indicam que há um uso preferencial de "te" em contextos mais informais, mesmo quando "você" é utilizado como sujeito da oração. Esse fenômeno, que pode parecer contraditório em termos gramaticais, reforça a ideia de que a variação linguística é influenciada por fatores que vão além das regras normativas, envolvendo aspectos socioculturais e pragmáticos. A mudança linguística nesse sentido é contínua e reflete as interações dinâmicas entre os falantes, conforme descrito por Pereira (2023).

Dessa forma, o uso de "te" e "lhe" no PB contemporâneo é um exemplo claro de como a língua está em constante evolução. Nesse sentido, determinados fatores, como a formalidade do contexto, a regionalidade dos falantes, a posição social e até mesmo as mudanças no sistema pronominal, são significativamente a escolha entre esses dois pronomes clíticos. A compreensão dessas variações é essencial para um entendimento mais amplo da língua portuguesa, uma vez que revela as complexidades inerentes ao uso do idioma em diferentes contextos sociais e regionais.

### **3 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: A SISTEMATIZAÇÃO DA HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA**

O campo da Sociolinguística Variacionista, fundado por William Labov a partir de suas pesquisas nos anos 1960 e 1970, trouxe uma abordagem inovadora para o estudo da língua ao tratar a variação linguística como um componente inerente e sistemático da língua. Conforme expõe Labov (1972), essa perspectiva rompe com o formalismo estruturalista que via a língua como um sistema homogêneo e imutável, propondo, ao contrário, que a variação é uma característica essencial das línguas naturais, influenciada por fatores sociais, culturais e contextuais. A língua é entendida, então, como um fenômeno dinâmico, refletindo as relações e as hierarquias sociais dentro de uma comunidade de fala, termo também desenvolvido por Labov para identificar grupos de falantes que compartilham normas e atitudes linguísticas comuns.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) enfatizam que o fenômeno da variação linguística surge a partir da convivência de múltiplas formas em uma comunidade de fala,

onde cada variante é legitimada por normas sociais e culturais que a sustentam. Assim, a escolha de uma variante<sup>2</sup> à disposição do falante, como "te" ou "lhe", por exemplo, não é arbitrária e nem aleatória, mas reflete as complexas interações sociais e linguísticas que condicionam o uso da língua.

A covariação, segundo Labov (2008), diz respeito à correlação entre variantes linguísticas e variáveis sociais e situacionais. O autor afirma que a distribuição de variantes segue padrões previsíveis, de acordo com variáveis como idade, gênero, escolaridade e contexto social. Weinreich, Labov e Herzog (2006) enfatizam que esses padrões de covariação são fundamentais para compreender como a variação se organiza e se mantém estável ao longo do tempo em certas comunidades de fala.

Por outro lado, a estabilidade da covariação é um conceito que indica que nem toda variação resulta em mudança linguística. Variantes diferentes podem coexistir de forma estável, cada uma ocupando nichos específicos no repertório linguístico dos falantes sem que uma elimine a outra. Essa estabilidade, conforme Labov (2008), demonstra que o sistema linguístico possui resiliência suficiente para acomodar a diversidade sem comprometer sua funcionalidade, evidenciando que a heterogeneidade é ordenada (Weinreich, Labov e Herzog, 2006). Ao estudar a estabilidade da variação, a Sociolinguística Variacionista revela a capacidade dos falantes de gerenciar as múltiplas formas linguísticas, preservando tanto a continuidade quanto a flexibilidade do uso linguístico.

Em suma, os conceitos de covariação e estabilidade reforçam a ideia de que a variação linguística é um fenômeno ordenado e controlado, evidenciando que as normas linguísticas não são impostas de maneira rígida, mas negociadas e ajustadas constantemente pelos falantes. Essa abordagem, que transcende as dicotomias entre sincronia e diacronia e língua e fala, postulada por Saussure (2006), permite uma compreensão mais ampla e integrada da língua como um fenômeno social e dinâmico, refletindo as complexidades das relações e interações humanas na comunicação diária.

Ao contrário de uma simples proximidade geográfica, a comunidade de fala baseia-se em uma percepção coletiva do que é socialmente aceitável ou preferível em termos linguísticos. Guy (2000) acrescenta que essa percepção comum implica a coesão social, embora não signifique homogeneidade absoluta entre os falantes. Na verdade, as

---

Variantes são formas alternantes de se dizer a mesma coisa com o mesmo valor referencial, como “Eu te vi” ou “eu lhe vi” ontem.

comunidades de fala costumam ser marcadas por subgrupos que refletem diferentes identidades e posições sociais, o que permite a coexistência de variantes distintas no mesmo contexto.

No bojo dessa discussão, Eckert e McConnell-Ginet (1992) salientam que a comunidade de fala não é apenas uma unidade geográfica, mas também uma entidade social e cultural, na qual os falantes utilizam a língua para expressar identidades, pertencimentos e hierarquias. As autoras ampliam essa compreensão ao introduzirem o conceito de comunidade de prática, definido como um grupo social que compartilha atividades, objetivos e formas de interação, nas quais os membros constroem, negociam e reforçam significados sociais e identitários por meio do uso linguístico.

À vista disso, o uso de pronomes como "te" e "lhe" dentro de uma comunidade de fala pode variar conforme os falantes avaliam questões de formalidade, proximidade e prestígio social, revelando como a língua serve como um instrumento de construção e manutenção das relações sociais. Portanto, a abordagem variacionista sustenta que a variação linguística é uma manifestação legítima e sistemática das complexas interações que ocorrem dentro das comunidades de fala.

No âmbito da Sociolinguística, a variação linguística é entendida como a coexistência de formas alternativas que desempenham a mesma função sem alterar o sentido fundamental da comunicação, conforme teorizado por Labov (1972). Para o referido autor, a variação é uma característica intrínseca aos sistemas linguísticos e frequentemente segue padrões estáveis, condicionados por fatores estruturais, sociais e estilísticos. Trudgill (1974) complementa essa visão ao argumentar que as escolhas linguísticas dos falantes não são meramente pessoais, mas refletem normas e valores do grupo social ao qual pertencem.

Essa variação estilística, como exemplificada pelo uso diferenciado de "te" e "lhe", permite que os falantes adaptem sua fala de acordo com o contexto e com a imagem social que pretendem projetar. Portanto, as escolhas linguísticas são condicionadas por uma lógica social, em que os falantes procuram alinhar-se com as expectativas e as normas de suas comunidades de fala. Esse fenômeno é enfatizado por Labov (2003) e demonstra que as variantes linguísticas não são distribuídas de maneira aleatória, mas seguem padrões sistemáticos que refletem a complexa relação entre língua e fatores sociais.

Pesquisas de gênero e faixa etária também mostram que a variação linguística pode revelar aspectos mais profundos da organização social. Estudos, como os de

Weinreich, Labov e Herzog (2006), indicam que mulheres tendem a adotar variantes associadas ao prestígio social mais frequentemente que homens, o que pode estar relacionado a uma estratégia de valorização social e adequação a normas cultas. Contudo, embora essa seja uma ideia amplamente reconhecida na sociolinguística, sabe-se que esse comportamento está condicionado às características da comunidade e aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

A mudança linguística, de acordo com Labov (1972), envolve a transformação gradual de uma variante em outra ao longo do tempo, modificando a estrutura da língua em resposta a pressões sociais e culturais. Esse processo difere da variação estável, pois implica uma transição em que uma variante nova eventualmente substitui outra, alterando o sistema linguístico, enquanto, nos casos de variação estável, duas ou mais variantes se alternam sem que haja o desaparecimento de nenhuma. Bailey (2002) argumenta que a mudança linguística é impulsionada pela adoção gradual de inovações linguísticas por grupos sociais específicos que influenciam o uso coletivo da língua.

O caso dos pronomes “te” e “lhe” exemplifica uma possível mudança linguística: a preferência de uma forma sobre a outra pode estar relacionada a influências externas, como a mídia e a escola, instituições que exercem um papel significativo na modelagem das práticas linguísticas. A mídia, ao disseminar amplamente certos usos linguísticos, muitas vezes legitima e populariza formas inovadoras ou informais, que acabam sendo incorporadas ao uso cotidiano, sobretudo em contextos em que a informalidade é mais aceitável. Por sua vez, as instituições educacionais, manuais de gramática e outros veículos de prestígio contribuem para estabilizar e difundir padrões formais e tradicionais, reforçando a permanência de certas variantes e incentivando a rejeição de outras.

Dessa forma, esses condicionamentos sociais interagem continuamente, favorecendo algumas variantes e suprimindo outras. Labov (2003) observa que as mudanças linguísticas refletem uma adaptação do sistema da língua às condições sociais e culturais dos falantes, destacando o caráter evolutivo da língua. Esse processo é particularmente evidente quando se analisa como variantes inovadoras são incorporadas ao uso cotidiano da comunidade de fala e, eventualmente, se tornam o padrão linguístico da população.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, serão descritos os caminhos metodológicos trilhados para desenvolver a presente pesquisa.

### 4.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é composto por 18 entrevistas sociolinguísticas gravadas em situações de interação espontânea, nos anos de 2018 e 2023, na zona urbana de Seabra-BA, com o intuito de captar o vernáculo dessa comunidade de fala. Esse *corpus* pertence ao projeto de pesquisa “Seabra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos”, sediado no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT XXIII) da Universidade do Estado da Bahia.

A escolha desse *corpus* justifica-se pela escassez de estudos de cunho variacionista na região da Chapa Diamantina-BA. Esse *corpus*, por ser orientado por critérios variacionistas, possibilitou o controle de variáveis extralinguísticas, como idade, sexo e escolaridade. Assim, para melhor visualizar a estratificação, segue o quadro com os dados coletados:

**Tabela 01:** Estratificação do *corpus* utilizado

ESCOLARIDADE		Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior	
IDADE	SEXO	Masc	Femi	Masc	Femi	Masc	Femi
Faixa I: 20 – 33 anos		LSA	ELT	DDA	JDS	DSO	SSL
Faixa II: 35 – 48 anos		RFS	MJS	JAA	NMV	JOS	NSS
Faixa III: 50 – 63 anos		GVS	ZRS	VMA	IRP	JMA	JRS
<b>TOTAL</b>		3	3	3	3	3	3

**Fonte:** elaboração própria

No que tange à estratificação, os falantes foram organizados em três faixas etárias (20-33 anos, 35-48 anos e 50-63 anos), com o objetivo de observar possíveis padrões intergeracionais na variação pronominal. Além disso, a variável sexo foi considerada, contemplando igualmente falantes do sexo masculino e feminino, a fim de verificar se esse fator interfere no fenômeno em estudo. Por fim, a escolaridade foi segmentada em

três níveis – fundamental, médio e universitário –, possibilitando analisar a influência do grau de instrução formal no comportamento linguístico dos falantes. Esse modelo de estratificação assegura verificar a interferência de fatores extralinguísticos no uso de fenômenos linguísticos variáveis.

Uma vez transcritos, os dados foram analisados de acordo com variáveis linguísticas e extralinguísticas. As ocorrências dos pronomes "te" e "lhe" foram identificadas e classificadas em função de fatores linguísticos, como o tipo de verbo, a função sintática do pronome e o contexto discursivo, além de variáveis sociais, como idade, sexo e escolaridade.

## 4.2 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS

### 4.2.1 A variável dependente

A variável dependente corresponde à alternância entre os clíticos pronominais "te" e "lhe", que se apresentam como variantes para as funções de objeto direto e indireto no português falado em Seabra-BA. Essa alternância é analisada de acordo com o contexto de uso de cada uma dessas variantes. Os exemplos a seguir, retirados do *corpus*, ilustram a variação desse fenômeno nessa comunidade de fala:

Ex. 01: "Olha, pra eu **te responder** essa pergunta, eu não... eu não quero ir pra sala de aula." (F, Faixa I, Universitária.)<sup>3</sup> (Uso de "te" como objeto direto em um contexto informal.)

Ex. 02: "Vai ficar o dia todo conversando sobre, discorrendo assuntos variados, isso **lhe deixa feliz.**" (M, Faixa II, Universitário.) (Uso de "lhe" como objeto direto, associado a um registro mais formal).

### 4.2.2 Variáveis linguísticas

---

<sup>3</sup> Legenda: Sexo: F (Sexo Feminino), M (Masculino), Idade: Faixa I (20 – 33 anos), Faixa II (35 a 48 anos), Faixa III (50 a 63 anos) e Escolaridade: Fundamental, Médio e Universitário.

As variáveis linguísticas controladas são fatores internos à estrutura da língua que influenciam a escolha entre "te" e "lhe". Nesta pesquisa, destaca-se a função sintática do pronome: A pesquisa realizada mostra que o papel sintático do pronome no enunciado influencia sua escolha.

- Função Sintática:

a) Objeto direto:

Ex. 03: "**Eles te ensina** a ir pra o mundo, no geral, a conviver com pessoas. (Uso de "te" como objeto direto, indicando algo que é ensinado.) (F, Faixa II, Universitária.)

b) Objeto indireto:

Ex. 04: "Como eu **te falei**, eu nasci em Feira de Santana." (M, Faixa II, Fundamental.)  
(Uso de "te" como objeto indireto, substituindo "a você".)

Ex. 05: "Mai procura fazer o melhor... **Que lhe compete**." (M, Faixa III, Universitário.)  
(Uso de "lhe" como objeto indireto, relacionado à atribuição ou dever "a alguém".)

- Tipo semântico de verbo:

c) Verbo de comunicação:

Ex. 06: "Como eu **te falei** no início da entrevista, eu nasci e fui criado aqui nesse bairro, né?" (M, Faixa II, Fundamental.) (Uso de "te" com verbos de comunicação, como "falar".)

d) Verbo de transmissão:

Ex. 07: "Eu **you te mostrar** um vídeo dela." (M, Faixa II, Fundamental.) (Uso de "te" relacionado a verbos de transmissão de algo, como "mostrar".)

e) Verbos de ação mental:

Ex. 08: "**Eles te ensina** a ir pra o mundo, no geral, a conviver com pessoas." (F, Faixa II, Universitária.) (Uso de "te" associado a verbos de ação física, como "ensinar", que envolve uma ação prática ou efetiva realizada sobre alguém.)

- Contexto discursivo

f) Contexto informal:

Ex. 09: "Eu gostava nada, eu vou pra casa, **deixa eu te contar** essa." (F, Faixa III, Fundamental.) (Uso de "te" em um contexto informal, com tom coloquial e espontâneo.)

g) Contexto formal:

Ex. 10: "Procura fazer o melhor... Que *lhe* compete." (M, Faixa III, Universitário.) (Uso de "lhe" em uma narrativa mais formalizada, com escolha lexical mais cuidadosa.)

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, busca-se discutir os resultados alcançados com esta investigação. Na tabela 01, encontra-se a distribuição geral dos resultados.

**Tabela 01:** A variação “te” e “lhe” no português falado em Seabra-BA

<b>Variantes</b>	<b>Ocorrências/Total</b>	<b>Porcentagem</b>
Te	40/44	90,91%
Lhe	4/44	9,09%

**Fonte:** elaboração própria.

A princípio, vale pontuar o baixo número de ocorrências, o que impossibilitou a realização de um estudo variacionista clássico, isto é, a utilização de programas computacionais para verificar as variáveis relevantes estatisticamente. À vista disso, buscou-se analisar, sobretudo qualitativamente, esses dados. Portanto, esses números não são conclusivos, não possibilitando fazer generalizações a respeito do fenômeno.

Conforme mostra a Tabela 01, no *corpus* analisado, foram encontradas 44 ocorrências. Desse total, 40 foram de “te” e 4 de “lhe”. Logo, esses resultados mostram que a variante produtiva é o “te”, visto que o “lhe” apareceu apenas 4 vezes.

Esses resultados sugerem que a variante "te" predomina no português falado em Seabra-BA, com 90,91% de frequência de uso, em contraste com os 9,09% da variante "lhe". Essa predominância do "te", sobretudo em contextos informais, é frequente em estudos anteriores, como o de Oliveira (2020), que destaca o maior uso de "te" em situações informais no PB. Portanto, os resultados alcançados com essa pesquisa assemelham-se a outros estudos que indicam uma produtividade do clítico pronominal “te” no PB.

Segundo Labov (2003), uma regra pode ser variável, semicategórica ou categórica. O fenômeno constitui uma regra variável quando perfaz um total de 5-95% do total de ocorrências, semicategórica no momento em que uma das formas atinge de 95

a 99% e, se houver o registro de 100% dos dados, a regra é categórica, ou seja, há apenas o registro de uma variante.

Com base na classificação proposta por Labov (2003), a variação entre “te” e “lhe” no português falado em Seabra-BA configura uma regra variável, dado que “te” é registrado em 90,91% dos casos, enquanto “lhe” aparece em apenas 9,09%. Esse padrão evidencia a alta produtividade de “te” e a menor frequência de “lhe”, revelando uma tendência marcante na alternância pronominal, especialmente em contextos informais.

Nesse sentido, devido ao baixo número de ocorrências, não se pode fazer generalizações, mas os resultados sugerem uma alta produtividade do “te” em detrimento do “lhe”, o que pode ter sido motivado pelo fato de a entrevista ser do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Por isso, novos estudos, com outras estratégias de documentação, precisam ser desenvolvidos para que se analisem, de maneira mais conclusiva, os condicionamentos linguístico, sociais e estilísticos que atuam sobre esse fenômeno. Assim, a hipótese de que esse fenômeno, no português falado na comunidade de fala estudada, era condicionado social e estruturalmente não pode ser confirmada, devido ao baixo número de ocorrências.

Abaixo, seguem os 3 exemplos do “lhe” retirados do *corpus* para uma análise qualitativa:

Ex. 11: “Vai ficar o dia todo conversando sobre, discorrendo assuntos variados, isso **lhe deixa feliz.**” (M, Faixa II, Universitário.)

Ex. 12: “Ah, minha filha, **nem lhe conto.** Foi um trupelo, viu?” (F, Faixa III, Universitário.)

Ex. 13: “Vai logo dizendo, moço, tu foi aquele que eu vi aquele dia? Parece que eu **tô lhe conhecendo...**” (M, Faixa III, Médio.)

À vista do exposto, nota-se que, no exemplo 12, o clítico “lhe” exerce a função sintática de objeto indireto, como prescreve a norma gramatical. Entretanto, nos exemplos 11 e 13, o “lhe” aparece como objeto direto (OD), contrariando o que está preconizado pela norma-padrão, que exige o uso dos clíticos “o/a” para desempenhar tal função. Nesse sentido, vale pontuar que o “lhe”, no exemplo 13, é um OD de segunda pessoa.

Os verbos que acompanham o clítico “lhe” distribuem-se entre três categorias semânticas: verbos de transmissão, verbos de comunicação e verbos de ação. No caso dos verbos de transmissão, como “deixar” no exemplo 11, observa-se que sugere uma ideia de transferência de um estado emocional. O verbo “contar”, no exemplo 12, caracteriza-

se como verbo de comunicação, uma vez que denota a transmissão de informações ou relatos. Já o verbo "conhecer", no exemplo 13, pertence à categoria de ação mental, pois está relacionado ao ato de perceber ou reconhecer alguém.

Em relação aos contextos discursivos, verifica-se que, na ocorrência 11, o clítico "lhe" está inserido em um contexto com traços de formalidade, enquanto as ocorrências 12 e 13 apresentam informalidade no discurso. Apesar do "lhe" ser comumente associado a registros formais pela norma-padrão, sua presença em situações de maior proximidade e espontaneidade entre os interlocutores reflete uma flexibilidade no uso pronominal. No exemplo 13, a informalidade do contexto pode ser verificada pela utilização do pronome do caso reto "tu", evidenciando a influência de fatores discursivos sobre a estruturação sintática.

A análise do perfil social dos participantes que produziram as ocorrências do "lhe" mostra que não é possível depreender uma tendência, mas dos 3 dados do "lhe", 2 foram produzidos por indivíduos que possuem nível superior. Isso sugere o papel da escola no aprendizado desse clítico.

A seguir, por meio de exemplos retirados do *corpus*, serão analisadas as ocorrências do "te".

Ex. 14: "**Não sei te dizer não**, mais deve ter assim...pra quem estuda aqui perto da UNEB." (M, Faixa I, Fundamental.)

Ex. 15: "**Como eu te falei** no início da entrevista, eu nasci e fui criado aqui nesse bairro, né?" (M, Faixa II, Fundamental.)

Ex. 16: "Eu **you te mostrar** um vídeo dela." (M, Faixa II, Fundamental.)

Ex. 17: "**Eles te ensina** a ir pra o mundo, no geral, a conviver com pessoas. (F, Faixa II, Universitária.)

Ex. 18: "Olha, **pra eu te responder** essa pergunta, eu não... eu não quero ir pra sala de aula." (F, Faixa I, Universitária.)

Ex. 19: "**Como eu te falei**, eu nasci em Feira de Santana." (M, Faixa II, Fundamental.)

Ex. 20: "Eles apontam assim: 'você é besta', 'você é tolo', **pra te dizer o não**." (M, Faixa III, Universitário.)

Ex. 21: "Eu gostava nada, eu vou pra casa, **deixa eu te contar** essa." (F, Faixa III, Fundamental.)

Ex. 22: "As vezes você chega em outra cidade e as pessoas **não te recebem** assim, hoje as pessoa são muito cismadas." (F, Faixa II, Universitária.)

Ex. 23: “É que **nem eu te falei**, eu vou arrumar uns bicos pra mim trabalhar a noite.” (F, Faixa II, Universitária.)

Ex. 24: “**Como eu te falei**, ainda rola muito preconceito né?” (M, Faixa II, Fundamental.)

Ex. 25: “**Como eu te falei**, Seabra é uma cidade muito acolhedora.” (M, Faixa II, Fundamental.)

Ex. 26: “Meu fi, tem anos, **não sei te dizer** não.” (F, Faixa I, Fundamental.)

Ex. 27: “**Não sei te explicar** direito, mais foi muito rápido, é o relacionamento deles...” (M, Faixa III, Fundamental.)

Ex. 28: “Nossa, eu sou bem desligada desse negócio, e isso aí eu **não sei te responder**.” (M, Faixa III, Fundamental.)

À luz dos dados apresentados, observa-se que o clítico “te”, diferentemente do que é prescrito pela GT, na maioria dos casos, desempenha a função sintática de objeto indireto, estando relacionado à segunda pessoa do discurso. Os exemplos apresentados mostram que esse clítico pronominal é argumento de verbos transitivos indiretos, como o verbo falar, dizer, responder e explicar

A análise dos verbos que acompanham o clítico revela que estes pertencem, sobretudo, as duas categorias semânticas principais: verbos de comunicação e de ação física. Nota-se que a maioria dos verbos são de comunicação, destaca-se o uso recorrente de vocábulos verbais que expressam essa ideia de comunicar, a exemplo de “explicar”, “dizer”, “falar”, como em “Como eu te falei no início da entrevista...” (Ex. 15) e “Como eu te falei, ainda rola muito preconceito, né?” (Ex. 24). Por fim, há também os verbos de ação física, ainda que menos frequentes, surgem em construções como “Eu vou te mostrar um vídeo dela” (Ex. 16), que envolve uma ação concreta entre os interlocutores.

O contexto discursivo das ocorrências analisadas reflete, em sua maioria, situações informais e espontâneas, o que vai ao encontro de pesquisas anteriormente desenvolvidas, como a de Oliveira (2020), que analisou o uso de pronomes clíticos em contextos formais e informais no Brasil e destacou a preferência pelo “te” em situações mais coloquiais e próximas. Isso pode ser observado em exemplos como “Deixa eu te contar essa” (Ex. 21) e “Eu não sei te responder” (Ex. 28), expressões típicas de oralidade, como o uso de interjeições e pausas, que reforçam a proximidade entre os interlocutores. Essa informalidade é também evidenciada em construções como “Olha, pra eu te responder essa pergunta...” (Ex. 18), que sugere um grau de proximidade na interação.

O perfil sociolinguístico dos falantes também aponta aspectos importantes sobre o uso do clítico “te”. Ao contrário do “lhe”, cuja frequência se concentra em falantes com nível superior, o “te” é amplamente utilizado por falantes das faixas I e II de escolaridade, como ilustram os exemplos “Eu vou te mostrar um vídeo dela” (Ex. 16) e “Não sei te dizer não” (Ex. 14), ambos produzidos por participantes com Ensino Fundamental. Esse padrão corrobora a associação entre o uso do “te” e situações de maior informalidade, além de apontar para a influência do contexto de fala sobre as escolhas pronominais. No entanto, os dados sugerem que a maioria das ocorrências que apareceram no comportamento linguístico dos participantes com nível superior não estão de acordo com a prescrição gramatical específica para a forma de tratamento utilizada, visto que esses participantes usam o “te” como argumento de verbos transitivos indiretos, ainda que, segundo a Gramática Tradicional, o “te” possa desempenhar esse papel quando há correspondência com o sujeito da segunda pessoa “tu”.

Portanto, embora os dados analisados apontem para a alta produtividade do clítico “te” no português falado em Seabra-BA, especialmente em contextos informais, a baixa ocorrência de dados não permite conclusões definitivas sobre o fenômeno. Apesar de sua flexibilidade funcional, abrangendo diferentes categorias verbais e contextos discursivos, o número limitado de exemplos impossibilita generalizações. Assim, destaca-se a necessidade de investigações futuras que ampliem o *corpus* e explorem os condicionamentos sociais e estruturais que influenciam o uso do “te” nessa comunidade de fala, permitindo uma compreensão mais abrangente de sua dinâmica na fala cotidiana.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar a variação no uso dos pronomes clíticos “te” e “lhe” em referência à segunda pessoa no português falado em Seabra-BA. Para isso, utilizou-se como *corpus* uma amostra de fala gravada na sede do município, pertencente ao projeto “Se abra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos”. No *corpus* estudado, foram registradas 40 ocorrências do “te” e apenas 4 do “lhe”, refletindo a predominância do “te” entre os falantes locais e destacando o baixo número de ocorrências de “lhe”.

À vista disso, devido ao baixo número de ocorrências encontradas, não foi possível utilizar um programa computacional para testar a interferência de fatores linguísticos e sociais. A análise qualitativa dos dados sugere que o “te” é amplamente

associado a verbos de comunicação em contextos informais e a vocábulos verbais transitivos indiretos, enquanto o “lhe” aparece preferencialmente em contextos que apresentam traços de maior formalidade. Em termos sociais, nota-se que de um universo de 4 dados, três ocorrências do “lhe” foram produzidas por participantes com nível superior.

Compreendendo esses dados, observa-se que o uso do “te” em Seabra segue um padrão, predominando em contextos informais. O “lhe”, embora associado à formalidade tanto em Seabra quanto em outras regiões, tem uma frequência ainda menor na comunidade de fala estudada, o que pode refletir particularidades sociolinguísticas locais.

Portanto, novos estudos devem ser desenvolvidos sobre o tema na região da Chapa Diamantina-BA, que levem em consideração outras formas de coleta de dados para além das entrevistas sociolinguísticas do tipo DID e que possam verificar as crenças e as atitudes sociolinguísticas dessa comunidade de fala, para uma melhor compreensão dos condicionamentos do “te” e do “lhe” nessa região.

O impacto da formalidade do contexto de fala foi perceptível na escolha entre “te” e “lhe”, com o “lhe” sendo utilizado principalmente em registros mais cuidadosos ou formais, enquanto o “te” se manteve predominante em contextos espontâneos e cotidianos. Assim, o presente trabalho contribui para o mapeamento sociolinguístico de Seabra, reforçando a importância de estudar comunidades de fala pouco exploradas e apontando a necessidade de futuros estudos com *corpus* mais abrangentes para aprofundar a análise dos condicionantes linguísticos e sociais que influenciam o uso desses pronomes no PB contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F.; CARVALHO, H. TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 62-80, 2020.
- BAILEY, Guy. Tempo real e aparente. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (Ed.). *O manual de variação e mudança linguística*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 312-332.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Comunidades de prática: onde língua, gênero e poder convivem. In: HALL, K.; BUCHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. (Ed.). *Localizando o poder: atas da Segunda Conferência de Mulheres e Linguagem de Berkeley*. 1992.
- GAMA, D. E. R. S. O uso variável dos clíticos acusativos para referenciar o interlocutor. *A Cor das Letras*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 102–115, 2019.
- GUY, G. R. O significado sociolinguístico da variação intrafalante. *Revista Brasileira de Linguística*, n. 18, p. 2-24, 2000.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.
- MARTINS, M. A. R. Singularidades na sintaxe do português brasileiro escrito na região Nordeste nos séculos XIX e XX. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021.
- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91–106, 1995.
- OLIVEIRA, T. L. O processamento dos clíticos TE e LHE no português brasileiro: a contraparte cognitiva da variação. *Revista Linguística*, v. 36, n. 2, p. 89-106, 2020.
- PEREIRA, Ronan. (In)aceitabilidade do padrão de colocação dos pronomes clíticos no português brasileiro por falantes escolarizados. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, [S. l.], n. 10, p. 251–270, 2023.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini Goldoni, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. 2006.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguística: uma introdução à língua e à sociedade*. 4. ed. Londres: Penguin Books, 1974.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.